

Crianças e jabuticabas

JULIANA LICHY¹

Minha relação com as jabuticabas começou na infância, quando mal sabia o que eram essas frutinhas pretas, mas já passava longas tardes debaixo de uma grande jabuticabeira no sítio dos meus avós onde vivi muitos momentos quando criança. Aquela imponente árvore tomava grande parte do terreno, e era assim tão grande que debaixo dela tudo acontecia. Talvez ela não fosse tão grande assim, talvez eu fosse pequena demais. E pequenas também eram as crianças quando virei professora e deparei-me com outras jabuticabeiras da escola em que trabalhava. Aquelas ár-

vores não eram tão grandes quanto as do sítio dos meus avós, mas estavam lá tão prontas quanto a jabuticabeira da minha infância, permitindo que tudo acontecesse debaixo delas. A escola toda via as flores virarem frutos, os frutos verdes ficarem pretos e, por fim, a colheita. E eu, professora que sou, comecei a colher outros frutos que a jabuticabeira dava, não as frutinhas pretas, mas os movimentos das crianças de vários grupos em torno das árvores, em busca das jabuticabas. E foi assim que a inspiração que veio de crianças (da criança que fui e das crianças com as quais convivia) virou poesia! ●



¹ Professora de Educação Infantil na Escola Vera Cruz, até 2013. Atualmente é coordenadora pedagógica na Escola Criarte, ambas em São Paulo (SP).

Jabuticabeira

No pé da jabuticabeira
Tem outro pé pendurado
O pé de um menino que busca
Na ponta do pé,
No esticar do braço,
O triunfo desejado

No banquinho de palha
Tem duas meninas sentadas
Ao redor do cilindro vermelho onde se fez descarte
A casca preta do fruto doce degustado
E esse momento delas é só para elas

Lã no alto a gente viu
Uma simpática criatura
Tateava fruta por fruta
Escolhia, comia, jogava a casca (Ah, Maritaca!)

O menino comia com casca e tudo
Pedia mais, ia atrás das barrigas disformes
Feitas de frutinhas enroladas no dobrar
da camiseta

Mas quem apanhara a fruta
Zelava pelo trabalho
De ter colhido uma a uma
Um do chão
Outras do pé
Do pé da menina que quase amassou uma!

Hã também quem não coma
Mas que leva consigo o tesouro
Esconde na areia, procura, acha!

Lã no banheiro se via
Mãos banhadas de água a correr
Corria pelas frutas, levava a areia
Levadas eram as frutas
À boca de quem queria comer

Debaixo da árvore se via
O céu azul estampado
De folhas verdes
De flores brancas
De frutas pretas

Debaixo do pé se viu
Casca amassada
Frutas secas
E a voz que perguntava:
– Não tem mais?

Hã quem ainda procure uma esquecida lã no alto
À espera de quem a encontrar
Hã quem fique lá embaixo
À espera, na torcida pelo outro encontrar
Mas, no fim, todos esperam
Um novo encontro: outro ciclo, novas frutas,
próxima colheita...

